

## OS IMPACTOS DAS REDES E MÍDIAS SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

*Araceli De Souza Martins<sup>1</sup>*

*Bruno Fiuza Franco<sup>2</sup>*

*Ana Tereza Dias Vasques<sup>3</sup>*

**RESUMO:** A nova mídia, representada pela internet (neste trabalho, delimitada às redes e mídias sociais), amplia o potencial de produção subjetiva, modificando as experiências físicas, mentais e sociais dos indivíduos. Essa nova forma de se relacionar por meio de uma comunicação midiaticizada, que ao mesmo tempo distancia pessoas próximas e aproxima pessoas, empresas e formas de trabalho geograficamente distantes, produz impactos mais eficientes na subjetividade, modificando as noções de tempo e espaço, e a ideia de autonomia subjetiva. Diante de tal contexto, este trabalho tem como objetivo conhecer os efeitos do uso das redes e mídias sociais sobre o processo de subjetividade à luz da perspectiva psicanalítica e analisar como as chamadas tecnologias emergentes estão afetando o comportamento da sociedade contemporânea, bem como o modo como os indivíduos se relacionam e se comunicam. Para este fim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, nas plataformas *Scielo*, *Pepsic*, *Google Scholar* e Portal de Periódicos da CAPES, o que conferiu a este estudo uma abordagem qualitativa e um caráter exploratório. Se averiguou que as redes sociais possuem grande impacto na subjetividade, produzindo efeitos danosos nos processos de constituição e desenvolvimento da personalidade.

**Palavras-Chave:** Redes. Mídias digitais. Internet. Subjetividade.

**ABSTRACT:** The new media, represented by the internet (in this work, limited to networks and social media), expands the potential of subjective production, modifying individuals' physical, mental, and social experiences. This new way of relating through a mediatized communication, which at the same time distances close people and brings distant people, companies and geographically forms of work together, produces more efficient impacts on subjectivity, modifying the notions of time and space, and the idea of subjective autonomy. Given this

---

<sup>1</sup>Acadêmica do 10º Período do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser. Email: aracelipmgo@gmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Psicologia. Docente do Centro Universitário Alfredo Nasser. Email: brunofiuza@unifan.edu.br

<sup>3</sup>Mestre em Psicologia. Docente do Centro Universitário Alfredo Nasser. Email: anateresa@unifan.edu.br

context, this work aims to understand the effects of the use of networks and social media on the process of subjectivity in the light of the psychoanalytic perspective as well as to analyze how the so-called emerging technologies are affecting the behavior of contemporary society and the way in which individuals relate and communicate. To achieve this goal, bibliographic research was carried out on the platforms Scielo, Pepsic, Google Scholar and Portal de Periódicos da CAPES, which gave this study a qualitative approach and an exploratory character.

**Keywords:** Networks and digital media. Internet. Subjectivity.

## 1. INTRODUÇÃO

A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), propiciando e operacionalizando o surgimento das redes e mídias sociais, apresenta-se como uma das importantes mudanças econômicas e comunicacionais ocorridas no início do século XXI. Manifesta-se, de modo geral, em uma vasta gama de atividades sociais e econômicas realizadas através dos meios tecnológicos de informação, produzindo uma profunda e duradoura transformação nos mais diversos âmbitos da vida social e subjetiva. Nesse sentido, é importante esclarecer os termos “mídia social” e “redes sociais”: a mídia social está contida nas redes sociais. Seus objetivos são diferentes. Enquanto a rede social conecta pessoas para manter os relacionamentos interpessoais, as mídias sociais têm propósito comercial, propiciando postagens sem interação em tempo real com a intencionalidade de vender publicidade (ROCHA; TREVISAN, 2020).

As chamadas tecnologias emergentes estão afetando nosso comportamento, o modo como nos relacionamos e comunicamos. Conforme compreendem Pereira e Silva (2020) cada vez mais as sociedades democráticas estão dependentes das TICs nos seus processos de produção.

Sua introdução ainda é nascente quando comparada à toda história humana, mas já aponta questões que devem ser levadas em conta, sobretudo na sua relação com a subjetividade e na formação antropológica, cultural e social, devido à amplitude e ao tempo despendido pelas pessoas na sua utilização.

A sociedade contemporânea se estrutura cada vez mais em torno de uma

comunicação mediatizada, por meio das quais as relações de trabalho, lazer, afetividade e socialização são mediadas. Os dispositivos e plataformas fazem parte desse processo como ferramenta que, ao mesmo tempo, distancia pessoas próximas e aproxima pessoas, empresas e formas de trabalho geograficamente distantes. A onipresença e centralidade dos meios na contemporaneidade ganham protagonismo e poder de mobilização, estruturando-se como meios instantâneos de comunicação e envio de informações. (FAUSTO NETO, 2009).

O uso de celulares e computadores possibilitam interações *on-line*, acesso fácil e rápido às chamadas redes sociais, que são definidas como: “Redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões. Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas” (RECUERO, 2009, p. 02). Embora as redes sejam pré-programadas pelos conglomerados midiáticos, as interfaces, aplicabilidades e expansões são cotidianamente modificadas tanto pela própria plataforma quanto pelos usuários, de acordo com as necessidades e demandas que surgem. Um perfil do *Instagram* de uma empresa, usuário comum ou *Digital Influencer*<sup>4</sup>, por exemplo, pode ser customizado em termos de *layout* e acrescentados links na bio para endereçamentos e a outras plataformas. Cada ator social irá atuar de uma forma no ambiente *on-line* e embora seja um ecossistema que faz parte das interações cotidianas, as relações nas redes são distintas das *off-line*. A comunicação *on-line* é marcada, também, pela dificuldade, devido ao distanciamento, de reconhecimento entre os atores envolvidos nesse processo (RECUERO, 2009)

Em outras palavras, o que a autora ressalta é que os chamados avatares ou perfis na *internet* têm aparências e mostram estilos de vida, ideias e ideologias muitas vezes distintos da personalidade de cada indivíduo dono daquele perfil. O *modus operandi* das redes é a construção de perfis, alguns deles falsos, chamados de perfis *fake*, que na verdade atuam como a simulação de uma personalidade.

Kelles e Lima (2017) relatam que a sociedade contemporânea está introduzindo cada vez mais nos seus diversos espaços o uso das TICs,

---

<sup>4</sup> Pessoas que trabalham como porta voz de produtos, serviços, marcas ou ideias nas redes e ganham status de formadores de opinião.

mencionando como exemplo a aplicação cada vez maior desses recursos na educação. Para além de suporte e mediação pedagógica, as redes ensinam as crianças com idade cada vez menor a se manter em contato com os dispositivos, fato esse que as desperta para outras atividades, como entretenimento e contato com conteúdos muitas vezes inapropriados a sua faixa etária. Em se tratando de crianças, Levy e Monteiro (2019) apontam que o uso ilimitado das redes sociais pode gerar confusão entre aquilo que seria o virtual e o real, desde o início da constituição humana.

Sigmund Freud iniciou seus estudos acerca da psicanálise por volta de 1886. Trabalhou na diferenciação daquilo que era chamado pelos hipnólogos e psiquiatras de histeria, doença mental, por exemplo, no sentido de mostrar que as vivências conscientes e inconscientes, os traumas e as relações primárias da infância têm grande influência na personalidade e nas maneiras de se comportar dos indivíduos. Retirou, assim, as neuroses e psicoses do aspecto puramente biológico, pois os conteúdos da mente, segundo o psicanalista, têm grande importância na explicação desses fenômenos (LEVY; MONTEIRO, 2019).

Com base nos estudos de Freud, Levy e Monteiro (2019) afirmam que o uso de equipamentos como *smartphones* e as TIC como um todo modificam subjetividades e o modo como as relações interpessoais ocorrem. Formam-se, ainda, na sociedade contemporânea, indivíduos narcisistas, que expõem suas vidas na rede esperando reconhecimentos, elogios, curtidas, compartilhamentos e até monetização conseguida pelo número de seguidores e elogios que a pessoa recebe.

Considerando os vastos estudos freudianos, que apontam o narcisismo como sendo um momento importante, marco da constituição humana, sendo que ao longo da obra de Freud o narcisismo sai de uma categoria patológica para uma etapa necessária de formação subjetiva (GARCIA-ROZA, 1995).

Freud, em “Sobre o Narcisismo: uma introdução” de 1914, relata que o Eu não existe desde que o indivíduo nasce, sendo necessário que se desenvolva. O ideal de “Eu”<sup>5</sup> consiste em uma abdicação parcial do narcisismo infantil, seguida

---

<sup>5</sup> O Eu utilizado aqui em caixa alta não é um pronome, mas uma estrutura com seu próprio funcionamento. Refere-se, assim, à personalidade e ao ego, parte fundamental para explicar o narcisismo.

de uma projeção do ideal para o futuro. Assim, o narcisismo e a subjetividade refletem no que o indivíduo almeja ser, de modo a se realizar. Esse ideal se distancia do sujeito sempre que este tenta alcançá-lo, o que resulta num constante desejo, da parte do sujeito, de ser algo mais. O ser humano, nesse sentido, vive uma série de incompletudes resultantes do desejo que nunca é totalmente saciado e que, quando atingido, desperta outros desejos que trazem novas insatisfações e angústias. A perfeição narcísica, nesse aspecto, corresponde ao ideal que as pessoas têm de si mesmas e do que desejam alcançar e as redes corroboram com esses parâmetros.

Por sua vez, no texto “As pulsões e seus destinos” (FREUD, 1915), vemos que Freud acrescenta que o eu realidade, mais objetivo, diferencia-se do eu prazer, regido pelo processo primário, ou advindo das pulsões. Nesta direção, o autor elege a satisfação humana para além do mero ato fisiológico (BIRMAN, 2016).

O Eu-prazer incorpora a si o agradável e a outra parte do mundo é o exterior. Tratando a si como objeto, o eu cindido pode se tornar autodestrutivo e não permitir reconhecimento adequado da realidade. É a partir do convívio com os outros e da abdicação de nosso ideal onipotente que nos constituímos enquanto seres humanos capazes de viver em uma sociedade e que a criança começa a investir em outros objetos além dela, atuando no processo de formação dessa subjetividade.

A cisão ou ruptura do eu, de acordo com Delouya (2012) é dividida na concepção Freudiana em quatro tipos de Eu: o Eu realidade inicial ou primitivo, que ainda não se percebe de forma consciente como humano, mas que reage ao mundo com fúria quando contrariado ou quando sente necessidades vitais; o segundo é o Eu indiferente, em que “a onipotente ilusão, como diria Winnicott, se dá porque engloba nela os cuidados maternos”( DELOUYA, 2012, p. 24) ; o terceiro é o Eu prazer, purificado onde surge a diferenciação entre o indivíduo e o exterior, em que se projeta narcisicamente o Eu como perfeito e o mundo como difícil “nesse estágio de supervalorização de si” (*Idem*); por fim, o Eu realidade, maduro ao vivenciar situações positivas ou negativas, ganha o juízo e o pensar para se tornar “definitivamente o Eu realidade”, ou seja, já teve as pulsões reprimidas, castradas pela sociedade e a cultura e está pronto para conviver e

negociar essas fronteiras.

O advento do uso das tecnologias da informação, certamente, tem ajudado e comprometido esse indivíduo, tornando-o mais complexo. Como dizem Levy e Monteiro (2019), a onipotência do pensamento e do sentido do uno do real/virtual, em que se abolem as dicotomias e grande parte das pessoas vivem conectados, parece ganhar uma continuidade cada vez maior na rede social. Nesse sentido, há uma simbiose entre o indivíduo em sua existência humana e sua versão criada nas redes que pode ser comparada ao Eu prazer (Eu virtual) e o Eu realidade (Eu humano).

Fantasia e realidade permeiam o imaginário humano. Independentemente do uso da tecnologia, o racional e o mítico possuem pesos muito importantes e é difícil supervalorizar qualquer um dos dois. Porém, o que se destaca nesse contexto das redes é a busca por uma satisfação plena e imediata, assim como a relação do pensamento mágico, a constituição do ser humano e sua relação com a formação da subjetividade. Pode-se aventar que a utilização das TIC serve como uma forma dessa fantasia se tornar mais permanente, dificultando o processo de sua superação e do Eu prazer advindo do narcisismo.

Mandelbaum (2015) ratifica o entendimento de que o mundo virtual favorece um referencial irreal, ao se ter como base um ambiente em que tudo parece ser possível, factível e que induz à ideia de ser alcançável uma imediata satisfação. A possível confusão que os autores reportam é que, se na constituição do Eu, naquele momento em que há o início do entendimento de que há um mundo além de “mim” (narcisismo secundário)<sup>6</sup>, possibilitando o início de um investimento externo, a introdução cada vez mais precoce do acesso à virtualidade (redes e mídias sociais), de maneira desordenada, sem limites de tempo de acesso e conteúdo, pode contribuir para a constituição do Eu com uma proeminência narcísica e fantasiosa, com limitado contato com a realidade.

Sendo a internet algo externo, contraditoriamente o interno mostra-se não mais como um objeto alop síquico. Em outras palavras, a relação provocada pela relação sujeito/internet torna-se a própria extensão da realidade psíquica, deixando de ser mera reprodutora de sua organização, para passar a alterá-la,

---

<sup>6</sup> O narcisismo secundário citado aqui diz respeito à concepção Freudiana do momento em que o adulto cria um novo Eu ideal perdido no narcisismo infantil. As redes sociais são uma espécie de Eu ideal dentro desse ponto de vista.

transformá-la e expandi-la.

Pretende-se, neste contexto, discutir a relação e efeitos que o uso/frequência desse ambiente virtual (redes sociais e mídias sociais) tem na subjetividade humana, sobretudo, como tem afetado as formas de subjetivação e causado mudanças na formação da personalidade de crianças e adolescentes e as possíveis consequências no mundo contemporâneo. Dessa forma, as seguintes questões permearão o presente trabalho: Quais os efeitos das TICs na constituição psíquica, tendo como referência a teoria psicanalítica? Tentando elucidá-las, será feita uma pesquisa bibliográfica, investigando a literatura científica disponível sobre o tema.

## 2. METODOLOGIA

A abordagem que fundamentou o desenvolvimento desta pesquisa foi a qualitativa, que compreende um conjunto de técnicas que visam à análise e à interpretação de fenômenos. Dentro dessa abordagem, este artigo ganhou um caráter exploratório, que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o tema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2002). Como método de investigação do assunto, foi feita uma revisão bibliográfica, que possibilitou uma investigação teórica em outros textos, buscando destrinchar o seu objeto. Ela se estrutura na pesquisa, em *sites* que condensam trabalhos científicos. No presente artigo, foram pesquisadas as seguintes plataformas: *Scielo*, *Pepsic*, *Google Scholar* e Portal de Periódicos da CAPES. Nessa rede, foram usados os descritores: “psicanálise”, “internet”, “redes sociais”, “TIC” (Tecnologia da Informação e Comunicação), “mídia social”, “subjetividade”, obtendo como resultado 16.200 artigos no Google Acadêmico, 15 na plataforma *Scielo* e 5 artigos no *Pepsic*.

Após essa primeira investigação, foram selecionados artigos publicados entre o ano de 2016 a 2022, já

que em 2016, o Brasil possuía 54% dos seus domicílios com acesso regular à Internet. Significa que 61% da população brasileira com dez ou mais anos de idade estão conectados à Internet, o que revela um contingente total de 125 milhões de brasileiros com acesso à rede (ALVES, 2019, p. 147).

Este recorte temporal se justifica, sobretudo, pelo destaque que esse período teve no advento maior das redes sociais e na expansão do uso de *Smartphones* e computadores. Após a seleção, foram escolhidos os artigos disponíveis que dialogam com o tema e abordagem teórica, bem como referências de livros que estejam em língua portuguesa e que versam sobre a temática da pesquisa.

Após essa segunda seleção de trabalhos, foi feita a leitura de 9 artigos que contribuíram para a compreensão do tema proposto. Eles serão analisados e discutidos conforme suas temáticas e sua relação com o objetivo da pesquisa. Os textos escolhidos dentre todos os encontrados são apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Artigos selecionados que dialogam com o tema e a abordagem teórica do estudo

Ano	Autor	Título	Revista / livro / periódico
2016	Marília Brandão Lemos de Morais Kallas	O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise	Reverso
2018	Santi	O Mundo Virtual: do lúdico ao acesso ao outro	7º Encontro de GTs de Pós-Graduação – Comunicon
2019	Elizabeth Samuel Levy, Louise Freitas Monteiro	Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança	Estudos de Psicanálise
2020	Alves, William Selau	Uma análise do Eu em tempos de virtualidade: reflexões psicanalíticas	Repositório institucional da UNB
2021	Sampaio, Helda Fadja Neves	Ressonâncias das tecnologias de informação e comunicação nas subjetividades contemporâneas: uma leitura psicanalítica	Repositório Institucional da UFPB
2021	Clara Pinho, Regina Prudente	“Espelho, espelho meu...”: os impactos das redes sociais na construção da subjetividade	Cadernos de psicologia



		feminina	
2021	Lia Pitliuk	Sabemos/podemos/queremos ser sós? Subjetivação e análise em tempos digitais	SIG revista de psicanálise
2021	Novaes, Lincoln Silva, Amanda	Mídias Sociais – Construção do Sujeito Contemporâneo na Pandemia de Covid-19	RUNA - Repositório Universitário da Ânima
2022	Samira Feldman Marzochi	Ciberespaço e descentramento: a constituição subjetiva como questão de espaço e tempo	Lua Nova: Revista de Cultura e Política

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os artigos acima selecionados fazem uma relação entre a psicanálise e a subjetividade nas redes, em função da construção do eu, do indivíduo.

### 3. DISCUSSÃO

Considerando a relevância cada vez maior do impacto causado pelo uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), especificamente as redes e mídias sociais, na formação humana, sobretudo em sua relação com o processo de subjetivação e de personalidade, pode-se dizer que as redes constroem paradoxos com o mundo exterior (LEVY; MONTEIRO, 2019). Ainda conforme Levy e Monteiro,

[c]om isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica e, sob essa perspectiva, a existência de uma cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo são instrumentos teóricos agudos para que se possa realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade (BIRMAN, 2007, *apud* LEVY; MONTEIRO, 2019, p. 61).

Conforme Lima *et al.* (2012), são várias e complexas as relações entre a subjetividade e o uso das TICs. São múltiplas essas formações de tecnologias, assim como seus usos e alcance. Uma de suas principais configurações se dá através do uso de celulares e computadores para interações *on-line*, as chamadas redes sociais. Essas formas de conexão são conglomerados de dados

virtuais que permitem o acesso à informação, a possibilidade de comunicação, de compartilhamento de notícias e fatos e toda uma totalidade de representação da vida, mas de modo virtual.

Kallas (2016) começa seu artigo evidenciando que a sociedade está passando por diversas mudanças, dentre elas as socioculturais. Continua, em seu texto, dizendo que as novas tecnologias, como a internet, vêm de encontro com essas mudanças da sociedade, mostrando a nova subjetivação da época.

Anteriormente ao surgimento das novas tecnologias, o conceito do que era espaço público e espaço privado se modificou muito. Antes, as intimidades eram definidas por paredes, hoje já são quase inexistentes, já que há uma busca incessante por aprovação das pessoas através da exposição das nossas vidas. Todos os autores analisados falam sobre esse aspecto da mudança de como enxergamos a vida. A barreira que separa o espaço privado do público se esvanece na medida em que o sujeito voluntariamente se expõe nos espaços da internet (KALLAS, 2016).

Alves (2020) faz, em um dos seus capítulos, uma análise do que é considerado moderno e do que é contemporâneo, este considerado o tempo atual, em que o planeta passou por diversas metamorfoses, dentre elas a mudança do que é público e privado. Hoje, expõe-se mais a vida e busca-se a aprovação das pessoas a ponto de dessa relação de aprovação ser monetizada a partir do chamado engajamento e aumento do número de leads, ou seja, dos seguidores que deixam seu contato e hábitos de consumo que são monitorados pelas redes, compartilhando as informações postadas. Estes curtem e indicam os perfis a outras pessoas.

Com essa busca incessante da aprovação das pessoas, Levy e Monteiro (2019) apontam que a sociedade já não consegue mais diferenciar o real do virtual, porque ambos estão intrínsecos na vida dessa pessoa. Os autores ainda afirmam que o uso dos smartphones são colaboradores para a transformação da subjetividade do indivíduo, à medida que mudam as relações entre o interno, o externo e cria novas identidades e projeções ao usuário que acessa as plataformas.

Levy e Monteiro (2019) alertam para o uso indiscriminado da internet pela nova geração e os problemas que ele pode acarretar na saúde física e mental das

crianças. O mundo real, ao se misturar com o mundo virtual, que é um mundo de fantasias, traz assim o “eu prazer” postulado por Freud à tona e faz com que haja uma confusão nesses indivíduos.

Trazendo Freud (2013) para a discussão, ao falar do ID, Ego, Superego e das identificações dos tipos de “Eu”, vemos que a internet propõe ao indivíduo permear por todas essas tipologias quando a pessoa adentra as redes e cria um personagem (outra persona) a seu bel-prazer. Kallas (2016) nos diz:

Existe também um estado de imersão e dissociação de consciência, que envolve sensações variadas como a perda da noção de tempo, esquecimento de frações de tempo, estar num estado de consciência alterado semelhante a um transe, encarnar, ou melhor, vivenciar uma outra persona diferente do seu Eu, sentir uma linha tênue que separa uma realidade virtual de uma real. (p. 56)

Levy e Monteiro (2019,) falam dessa dissociação da consciência como “uma subjetivação forjada e que o Eu se encontra em posição privilegiada” (p. 60). Segundo as autoras, essa instância fica tanto em evidência que o narcisismo passa a ter mais foco, pela busca de aplausos nas redes. Ao citar Freud, Levy e Monteiro (2016) falam das pulsões e do fato destas serem parte do Eu na sua forma primitiva. No contexto das redes, ocorre que grande parte dos usuários acabam não conseguindo lidar com essa nova subjetivação.

Santi (2018) complementa essas ideias, identificando a facilidade de modificação do mundo real e do mundo virtual. Conforme o autor, a “própria vida mental pode ser considerada ‘virtual’, uma vez que não pode ser reduzida à materialidade do cérebro, ainda que seja nele sustentada” (SANTI, 2018, p. 14).

Marzochi (2022), em seu texto, alega que o ciberespaço invade o espaço real e que estão intrinsecamente ligados a nós, fazendo parte do próprio funcionamento subjetivo. Pitliuk (2021) utiliza-se do conceito de ciberespaço para reafirmar que uma nova subjetivação está sendo criada. O autor afirma, ainda, que os meios de comunicação trabalham o estar só em público. Juntando-se a isso, Novaes e Silva (2021) falam da mudança nas nossas relações através das mídias sociais e que essas foram a válvula de escape para a humanidade nos tempos modernos. Em suas palavras,

[n]as últimas décadas, tem-se evidenciado uma das maiores transformações de nossos modos de subjetivação: uma espécie de incapacidade de ficar só. De fato, notamos a crescente dificuldade de se

estar só sem a presença não apenas de uma pessoa, mas de muitas; e não só de forma temporária, mas todo o tempo, e simultaneamente – em especial através dos dispositivos de comunicação digital (NOVAES; SILVA, 2021, p. 49).

Naves (2021) continua falando da subjetivação da era contemporânea comparando-a com a era moderna e diz que “constatando-se que o sujeito moderno construía sua subjetividade muito mais na privacidade e na intimidade, enquanto o sujeito contemporâneo tende a construí-la mais no espaço coletivo virtual” (NAVES, 2021, p. 04).

Pinho e Prudente (2021) vêm trazendo a cultura das redes sociais com a relação do narcisismo que surge por essas redes e a busca de um padrão inalcançável de beleza, ressaltando o narcisismo secundário exposto por Freud. As autoras ainda trazem para a discussão o fato de que a subjetividade imposta pelos meios de comunicação e as redes sociais se apresenta como uma subjetividade distorcida, que influencia na forma que o indivíduo se vê.

Assim, dentre todas as problemáticas apresentadas pelos autores, nota-se o direcionamento comum do surgimento do Eu prazer e das pulsões que são integradas às trocas simbólicas das redes, promovendo de forma simbiótica a integração entre o indivíduo e suas projeções virtuais, bem como entre seu mundo e relações e sua extensão criada nos ecossistemas midiáticos, onde as redes se tornam não apenas espaços de socialização, mas extensões do subjetivo e do próprio Eu.

As reflexões de Freud (1921) sobre a constituição psíquica, definem a personalidade como algo socialmente construído, revelando suas dimensões psicossociais e as mediações entre as realidades objetivas e subjetivas. Ele referencia a discussão das relações entre os seres humanos a partir dos laços sociais, construídos no desenvolvimento da cultura, processo que coloca em causa a satisfação das pulsões do indivíduo quanto às necessidades pulsionais dos outros indivíduos. Esse processo, que é regulado pelas demandas da cultura, se materializa psiquicamente quando o outro quase sempre é tomado como objeto de identificação. Conforme Poian (2007),

Freud distingue vários tipos de identificação partindo da noção de identificação primária, conceito nebuloso, forma original de laço afetivo entre sujeito e objeto, fusão do "eu" com o objeto total como uma

incorporação do objeto. Esta identificação estaria na origem do ego ideal, formação narcísica anterior à relação propriamente objetal (p.2)

Os impactos da satisfação das pulsões e identificação com as redes mostram-se relevantes, visto que as crianças e adolescentes têm apresentado menor rendimento escolar, indícios de vício no uso de objetos que possibilitem acesso a TICS (redes e mídias sociais) e alterado as formas de interagir socialmente (LIMA *et al.*, 2012).

Deve-se considerar, assim, uma possível relação direta dessa inserção no ambiente virtual e o modo como essas crianças se constituem atualmente, tendo ainda impactos na vida adulta e nos ambientes profissionais, sociais e individuais. Para entendermos a relação das pessoas com a internet, primeiro, temos que ter em consideração o que Alves (2020) aponta que, na teoria psicanalítica freudiana, o sujeito toma como referência o outro, que pode ser tanto objeto de amor quanto de ódio.

Pode-se traçar um paralelo dessa citação com o fenômeno ora vivenciado, a facilitação de acesso às redes e mídias sociais, por via de dispositivos como computadores, *smartphones*, *tablets*, por exemplo. O fator humano é quem opera esses dispositivos e orienta as navegações, sendo que a tecnologia ou a máquina por si só não produz relações.

Outro aspecto destacado por Alves (2020) é que embora exista a individualidade das pessoas, na pós-modernidade, que se inicia após a Segunda Guerra Mundial, várias identidades emergentes aparecem em contato neste espaço de trocas afetivas, comunicacionais e sociais (ALVES, 2020).

É recorrente na literatura o reconhecimento de que o advento da internet é uma revolução só comparável à invenção da escrita e à da imprensa. Mais do que uma nova tecnologia, estamos diante de uma mudança de paradigma em nossa relação com o mundo (ALVES, 2020).

A identidade diz respeito ao pensamento e interpretação das coisas e situações vivenciadas. Está relacionada à vida e à procura constante de significados (SILVA, 2009). Nas redes, as identidades aparecem de forma fragmentada a partir de conteúdos diversos livremente postados por *perfis criados nesses aplicativos*. Pressupõe-se que, nestes espaços de socialização, os indivíduos possuam liberdade para manifestar suas pulsões, desejos, projeções

dentro das redes, quase de maneira ilimitada, com leve censura e sem código de ética que rege tais publicações. O paradoxo está no fato de que, nesta navegação virtual, o acesso a redes e mídias digitais, que serve de mediador para as relações atuais, causa a sensação de que seja um meio de aproximação das pessoas, mas as têm distanciadas daquelas que estão próximas, gerando maior contato e intimidade com aquelas as quais possivelmente nunca teriam contato não fosse por essa possibilidade gerada pelas das redes sociais.

Segundo Julieta Jerusalinsky (2009), em seu livro “Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais”, as interações reais hoje não são bem aceitas e muito menos são prioridade, embora seja a única maneira de gerar estruturação. A autora discorda de uma visão apocalíptica que pretende execrar os meios, todavia, julga ser importante compreender seus efeitos, especialmente no aspecto psicológico.

No ganho da velocidade da era virtual muito se perdeu: estar perto de quem está longe e longe de quem está perto (fenômeno denominado esvaziamento das relações), tendo como consequência uma permanente ansiedade de se comunicar. De acordo com Jerusalinsky (2009), a velocidade da comunicação traz como um dos efeitos psíquicos o querer se comunicar com a chave do rapidinho (questiona-se: onde ficou o período tão necessário da elaboração?), e dessa nova regra, surge a ilusão de que se não responde rapidinho, o que se tem a dizer torna-se obsoleto e ultrapassado.

O ambiente virtual mostra-se não somente como recurso de investimento limitado da libido, mas, ao contrário, como atesta Mandelbaum (2015), a internet aparece como uma realidade em que a base é a falta de limite de suas possibilidades. Dessa forma, o ambiente virtual se torna a própria extensão do psiquismo humano, nas suas tentativas de contornar as limitações impostas pela civilização às suas satisfações, buscando, assim, expandir as possibilidades de suas satisfações para além do permitido culturalmente.

Na intensificação do uso da internet e o recuo das referências de autoridade, tornou-se comum buscar pelo olhar da pessoa com quem se dialoga e encontrá-la focada em um celular; o olho no olho cede lugar para uma janela virtual. Como salienta Pinto, Amaral e Santos (2021),

[o] exercício da autoridade é a condição para registrar-se no processo

civilizatório, pois o adulto demanda de cada recém-chegado ao mundo um movimento de renúncia, ou seja para o novo humano ter a possibilidade de se subjetivar ele precisa de um outro já inscrito na lei que lhe introduza no campo simbólico da linguagem, lhe diga não e que não atenda irrestritamente os seus desejos. (p.1)

Pensando na criança, na importância da representação do outro, na mediatização das relações, a internet, inserida cedo no ambiente infantil, torna-se uma extensão egóica e, por não ter referências, faz com que o princípio da realidade se ancore naquilo que a funda: o ilimitado mundo da informação e das possibilidades.

Acredita-se que daí nasça um campo de dificuldade de identificação e, portanto, de individualização, o que, segundo Mandelbaum (2015), levaria a uma extensão do Ego, um verdadeiro Ego virtual. De acordo com as instâncias psíquicas teorizadas por Freud, o ID<sup>7</sup> faz parte do inconsciente, das pulsões, dos desejos, enquanto o Ego seria o Eu que equilibra o ID e o superego. O superego por sua vez é formado por um conjunto de regras sociais, culturais, que operam no controle dos desejos do ID (MEZAN, 2018).

Segundo Freud (2013), no “mundo real” o Ego deve servir a três senhores: a realidade externa, o Superego e o ID, como seria então essa relação no mundo atual? Onde aparentemente há uma crescente incompreensão do que seria a realidade e o virtual. O Ego constituir-se-ia fundamentado na possibilidade aparentemente infinita proporcionada pelas relações mediadas por redes sociais? Há no imaginário coletivo ligado à *internet* um simbólico de sucesso, fama, beleza física que leva as pessoas a buscarem por frequente reconhecimento e curtidas, independentemente de serem sinceras.

Aparentemente essas novas relações estabelecidas pela mediação virtual gera um novo ideal narcísico: no qual define-se o que é muito bom por meio da quantidade de curtidas. E se a referência passa a ser ganhar reconhecimento? Ganhar a qualquer custo? Possível Resultado: fragilidade psíquica e fragilidade

---

<sup>7</sup> A segunda tópica do aparelho psíquico teorizada por Freud diz respeito a uma nova topografia do aparelho psíquico, mais aplicável do ponto de vista clínico que a primeira tópica. Essa segunda versão é subdividida em id, ego e superego, que estruturam a personalidade. O ID é a estrutura original da personalidade e aparece de forma desorganizada, sem forma definida, por ser inconsciente, fonte de todas as pulsões. O Ego é uma estrutura da personalidade que se desenvolve a partir do ID na medida em que se toma consciência da sua própria identidade, de forma lógica e racional. Media o mundo interno e externo. Já o superego atua como uma espécie de juiz do ego, que proíbe ou limita alguns pensamentos e atitudes (FACHINI, 2019). Disponível em: <[www.cbp.org.br/n54a01.pdf](http://www.cbp.org.br/n54a01.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2022.

de relações. O ambiente virtual permite conectar apenas com quem e no momento em que convém ao usuário. Não se trata do fato de ser uma ferramenta boa ou ruim, mas, sim de uma utilização sem discussão de questões essenciais às relações, tal como a ética, por exemplo, o que poderia levar cada vez mais um modelo idealizado e não de identificação entre as pessoas.

Esse uso desmedido se desdobra em diversas consequências, mostrando-se, conforme Hasky e Fortes (2022), como há uma falsa interação e afeição presente no mundo virtual. Pessoas nas redes sociais são conhecidas e reconhecidas, enquanto aqueles familiares e pessoas próximas fisicamente, alijadas do convívio, se tornam quase que desconhecidos. Como exemplo, Jerusalinsky (2009) menciona o surgimento do sujeito *wireless* e afirma que as crianças já crescem tendo no ideal posto pela *internet* o seu modelo de formação. É possível perceber que essa intencionalidade é anterior até mesmo ao entendimento do que seria ocupar um lugar no âmbito virtual, antepondo-se à própria consolidação de uma posição subjetiva.

Mandelbaum (2015) cita como praticamente todas as demandas dos seus pacientes passam, por alguma forma, pelo uso das TICs: mencionam o uso desses recursos e seus relacionamentos neles, assim como, até mesmo na análise, mostram fotos, mensagens e aplicativos. Explana, ainda, como as demandas e os sintomas individuais refletem o tempo social, mostrando que a sociedade contemporânea, diferentemente da existente a época de Freud, tornou-se mais individualista e como os problemas de relacionamento se evidenciam, pois a *internet* é palco de conflitos em função de contatos entre culturas antagônicas que antes estavam dispersas e agora se encontram em contato, além das discussões e informações veiculadas, nem sempre verdadeiras, como ocorre com as *Fake News*.

Lima *et al.* (2012), por exemplo, mostram como o uso das redes sociais por jovens tem afetado seu rendimento escolar e sua capacidade reflexiva, de concentração e suas habilidades sociais. Entre os fatores que apresentam está uma alienação do próprio desejo e da capacidade reflexiva, visto que a padronização de discursos e uma constituição cada vez mais restrita de conteúdo divergente têm aumentado. Os algoritmos selecionam os conteúdos que cada usuário irá visualizar, assim formam-se as bolhas e raramente o contraditório



aparece.

Os autores discutem a problemática da falsa liberdade na *internet*, a qual aparece como possível ilusão de liberdade já que se trata de um ambiente regido por algoritmos que dá sempre mais do que a pessoa pesquisa, gerando entre outras problemáticas a possibilidade da manipulação da opinião pública. Os usuários têm a impressão de que escolhem e têm controle sobre aquilo que fazem, mas sendo a *internet* uma rede que funciona por algoritmo e estatística, faz com que as pessoas consumam coisas parecidas e que sempre tenham contato com mais do mesmo (LIMA *et al.*, 2012).

Suprimida a borda entre a fantasia e a realidade, estas passam a se confundir. Esta realidade tem contribuído para a manifestação de crianças solitárias, que nada compartilham, sem capacidade de distinguir o que é virtual do que é real. Sobrecarregados por jogos que prometem estimular a inteligência, mas que são simplesmente repetição, sem invenção, imaginação, podem estar contribuindo para o surgimento de problemas como as dispraxias (dificuldade de manipular objetos, por falta de manipulação de contato de objeto), conforme Kelles e Lima (2017). Atividades tais como: brincar de “faz de conta” dá trabalho, exige elaboração ao passo que o cenário de jogos virtuais, já é dado para a criança, ou, mesmo nos jogos mais criativos, as limitações sobre o que ela pode construir são limitadas pela configuração do jogo, o que cerceia a capacidade criativa infantil.

#### **4. CONCLUSÃO**

O presente artigo abordou a relação entre a *internet* e a subjetividade, com enfoque psicanalítico. Utilizou-se, assim, de autores como Freud (2013), Winnicott (1990), Delouya (2011), a fim de estabelecer relações entre as estruturas psíquicas, o Ego e os tipos de subjetividade. A revisão bibliográfica usada na pesquisa qualitativa oportunizou o embasamento e discussão, conforme proposto no método.

Ao se fazer uma ponderação dos artigos citados e das teorias estudadas no referencial teórico, conclui-se que temos a subjetivação muito modificada na sociedade principalmente com o advento das redes sociais. O estudo buscou trabalhar a partir de uma época na qual a maioria da população brasileira tivesse

acesso à internet e com isso uma maior utilização das redes sociais.

Para a pesquisa se tornar mais credível buscaram-se teorias da psicanálise como um arcabouço para responder à questão problema acerca da relação da subjetividade humana com a internet e, principalmente, com as redes sociais. Confirma-se assim a hipótese de que a subjetividade da atual sociedade se modificou juntamente com o crescimento da utilização da internet. O narcisismo ficou mais evidenciado nas pessoas, a busca do Eu-prazer se tornou maior do que o Eu-realidade.

Busca-se, assim, deixar um campo de discussão estruturado para que futuros pesquisadores se aprofundem nos estudos das relações da internet com a subjetividade, sob a ótica da psicanálise.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Elder P. Maia. A digitalização do simbólico e o capitalismo cultural-digital: a expansão dos serviços culturais-digitais no Brasil. *Tecnologia e mercados culturais. Sociedade e estado*, v. 34, n. 1, Jan-Apr 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010006>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ALVES, William Selau. **Uma análise do Eu em tempos de virtualidade: reflexões psicanalíticas**. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

BARBOSA, Marielle Kellermann. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 89-101, jan. 2013. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100008)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Editora Ágalma: Salvador, 2017.

BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller. 2016

BOYD, Danah M; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>

DELOUYA, Daniel. Eu prazer e eu realidade, entre 1911 e 1915. **Psicanálise em Revista**. v.9, n.2, 2011 2012 p. 23-27. Disponível em: <[www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Psicanalise-em-Revista.indd-3.pdf](http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Psicanalise-em-Revista.indd-3.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2022.

FONTES, Flávio Fernandes(2008). O conflito psíquico na teoria de Freud.

**Psychê**, São Paulo, vol. 12, núm. 23, diciembre, 2008, . Disponível em: <[www.redalyc.org/pdf/307/30720926011.pdf](http://www.redalyc.org/pdf/307/30720926011.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2022.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 2013.

HASKY, Flávia; FORTES, Isabel. Desconstruindo polarizações acerca da internet: entrelaçamentos entre os universos online e off-line. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 1-21, abr. 2022. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472022000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472022000100003)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes . O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, ISSN 0102-7395, 38 (71), 2016, pp. 55-63. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5646317](http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5646317)>. Acesso em: 10 out. 2022.

KELLES, Natália Fernandes; LIMA, Nádia Laguárdia de. Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. **Tempo psicanal.** Rio de Janeiro , v. 49, n. 2, p. 202-233, dez. 2017. Disponível em <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

LEVY, Elizabeth Samuel; MONTEIRO, Louise Freitas. (2019). Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. **Estudos de Psicanálise**, (52), pp. 59-67. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-3437201900020007&lng=pt&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-3437201900020007&lng=pt&lng=pt)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

LIMA, Nádia Laguárdia de *et al.* Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 64, n. 3, pp. 2-18, dez. 2012 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

LIMA, Nádia Laguárdia de *et al.* Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escurando os adolescentes na escola. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 20, n. 3, p. 421-440, dez. 2015 . Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282015000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MANDELBAUM, Enrique. Notas sobre a Psicanálise em tempos de algoritmos. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 38, n. 60, p. 145-159, dez. 2015. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-)

31062015000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MARTÍNEZ, Daniel R. La clasificación de los trastornos de la conciencia. **Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.** 2019; 39(135): 33-49 doi: 10.4321/S0211-57352019000100003 Disponível em: <scielo.isciii.es/pdf/neuropsiq/v39n135/2340-2733-raen-39-135-0033.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2022.

NOVAES, Lincoln; SILVA, Amanda. **Mídias Sociais – Construção do Sujeito Contemporâneo na Pandemia de Covid-19**. RUNA - Repositório Universitário da Ânima SÃO JUDAS Mooca TCC de Graduação e Especialização Psicologia. 2021. Disponível em: <repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/19300>. Acesso em: 13 set. 2022.

PINHO, Carla; PRUDENTE, Regina. “Espelho, espelho meu...”: os impactos das redes sociais na construção da subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**. vol3, n. 6, 2021. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3177>. Acesso em: 13 set. 2022.

PINTO, Patrícia Feiten; AMARAL, Luiz Felipe Vieira; SANTOS, Emanuel dos . Autoridade, Psicanálise E Educação. **Salão do Conhecimento Unijuí**. Vol. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/20570>. Acesso em: 04 nov. 2022.

PITLIUK, Lia. Sabemos/podemos/queremos ser sós? Subjetivação e análise em tempos digitais. **SIG revista de psicanálise**, vol. 10 n. 2. 2022, p. 51-64. Disponível em: <www.sig.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Revista\_sig\_19.pdf#page=51>. Acesso em: 13 set. 2022.

POIAN, Carmen Da. Os Novos Caminhos da Identificação. **Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**. Disponível em: [http://cprj.com.br/pdf/artigos\\_novos\\_caminhos.pdf](http://cprj.com.br/pdf/artigos_novos_caminhos.pdf) Acesso em: 04 nov. 2022.

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de; CECCARELLI, Paulo Roberto. Realidade virtual v. realidade psíquica. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 44, p. 101-107, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0100-34372015000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2022.

RECUERO, Raquel . Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. **Metamorfoses jornalística**, v.2, n.1, 2009. Disponível em: <www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível

em: <<https://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-12.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2022.

ROCHA, M.D.A.; TREVISAN, N.M. **Marketing nas Mídias Sociais** (Coleção Marketing em Tempos Modernos). São Paulo, SP. Saraiva Educação, 2020.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **O Mundo Virtual: do lúdico ao acesso ao outro**. O 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação, 2018.

SAMPAIO, Helda Fadjá Neves. **Ressonâncias das tecnologias de informação e comunicação nas subjetividades contemporâneas: uma leitura psicanalítica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21809>>. Acesso em: 13 set. 2022.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedag.** [online], vol.34, n.103, 2017, pp. 87-97.

SILVA, Flávia Gonçalves da . Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da educação**. N.28,2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43108>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

SILVA, Siony da. Redes Sociais Digitais e Educação. **Revista Iluminart**, n. 5.. 2010. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/317/o/volume1numero5artigo4.pdf?1351211156>>. Acesso em: 30 out. 2022.